



X Encontro da Internacional dos Fóruns  
VI Encontro internacional da Escola  
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

## PRE-TEXTO 10

---

### *As inferências do não-todo na clínica e na enunciação*

Carmen Lafuente, AE da EPFCL

“Tu me satisfizeste, thomenzinho [*petithomme*].  
Compreendeste, e isso é o que era preciso”  
Jacques Lacan, *O aturdido*.

Para este trabalho, tomei como ponto de partida o seguinte parágrafo do pré-texto de Rithée Cevasco sobre o “dizer não todo”:

Dos “adventos” do real a partir da análise, não poderíamos nos interrogar também sobre as modalidades, ou modulações do “não todo” nas travessias do muro dos impossíveis da significação, do sentido, da relação sexual (segundo o *Aturdido*) e, mais particularmente, das inferências de um dizer do “não todo” no que concerne a este gozo para além do gozo fálico?<sup>1</sup>

Proponho-me, neste pré-texto, pensar sobre a possibilidade de um dizer não-todo e suas consequências para a clínica analítica e no final de uma análise.

### *Os dizeres dos sexos*

Como sabemos, no inconsciente, há somente uma realidade sexual em função do que a prática analítica impõe a maldição<sup>2</sup> do sexo. Porém, se seguimos Lacan nas fórmulas da sexuação, encontramos ao menos dois modos de relação ao sexo. Como podemos abordar essa complexa realidade?

---

<sup>1</sup> Cevasco, R. *Pré-texto 3 do X Encontro Internacional em Barcelona (setembro de 2018)*. Junho, 2017. <http://xcita-if-epfcl.barcelona/pretextos-sp.html#P03>

<sup>2</sup> Lacan utiliza este termo que foneticamente em francês tem uma dupla significação, maldição (malédiction) e macho-dicção (mâlediction).

Se o inconsciente linguagem nada sabe da outra realidade sexual, a do lado direito das fórmulas, isso pode nos fazer pensar que a parte “não toda” fica fora de uma análise. Se somente há acesso via inconsciente ao gozo fálico, então as manifestações do gozo Outro – que não são dignas de menosprezo – não entram em uma análise.

Contudo, não existe somente o inconsciente como saber, mas também o dizer que se infere dos ditos do sujeito. Colette Soler nos lembra, em seu magnífico artigo sobre o dizer sexuado<sup>3</sup>, que Lacan em *Mais, ainda* diz que somente no dizer

“se poderia talvez encontrar a incidência diferencial de seus gozos, pois o dizer [...] é [...] encarnação distinta do sexo. [...] Lacan a introduz em terceiro lugar entre o real e a verdade. O significado do dizer é a ex-sistência [...] Falta agora especificar os dizeres das duas encarnações distintas do sexo e questionar o que pode «ex-sistir», de dizer do lado da Outra realidade sexual”<sup>4</sup>.

Seria possível, então, falar de um dizer do não todo, apesar de Lacan nos dizer reiteradamente que o não todo está fora do significante e que não se pode dizer nada dele? Lembremos que, em *Mais, ainda*, ele chama a atenção para o fato de que as mulheres analistas não dizem nada sobre seu gozo, o qual pode ser atribuído à estrutura desse gozo.

Lacan não mencionou que houvesse um dizer Outro, mas a questão é saber como o Outro, na inscrição da linguagem, passa ao ato do dizer.

Em *O aturdido*<sup>5</sup>, mediante a figura da *surmoitié*<sup>6</sup>, menciona que para elas ex-sistem vias de seu dizer. Nas mulheres, então, não há somente uma via do dizer, há ao menos duas, já que podemos contabilizar o do falo e a do A barrado, com o qual a mulher tem mais relação porque ela é Outra para seu gozo. Podemos encontrar manifestações desse dizer da *surmoitié* na clínica e na enunciação.

### ***Inferências do não-todo***

Ressaltarei, a seguir, algumas das referências que me pareceram particularmente destacáveis e que nos ajudarão a elucidar a questão das inferências do não todo.

Para começar, não podemos deixar de mencionar os êxtases místicos que Lacan trabalha em *Mais, ainda*. Relembro também algumas referências que Colette Soler desenvolveu há alguns anos<sup>7</sup> em relação a Ysé, protagonista do livro de Paul Claudel<sup>8</sup> e que Lacan evoca no Seminário 8, relacionando ao não todo. Colette Soler menciona uma negatividade aniquilante correlacionada a uma absolutização do amor. O mesmo texto

---

<sup>3</sup> Soler, C. O dizer sexuado ou a Outra realidade sexual. In: *Heteridade* 6, pp. 104-114.

<http://champlacanien.net/public/docu/4/heterite6.pdf>

<sup>4</sup> Soler, C. op.cit., pp. 107.

<sup>5</sup> Lacan, J. O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., pp. 448-495.

<sup>6</sup> « É essa a super-mentade [*surmoitié*] que não se supereu-iza [*surmoite*] tão facilmente quanto a consciência universal”. Lacan, J. op.cit., p. 467.

<sup>7</sup> Soler, C. *Le pas tout*. La Cause Freudienne. 1991.

<sup>8</sup> Claudel, P. *Partage de midi*. Folio.

faz referência também à mulher pobre de Leon Bloy<sup>9</sup>, que encontramos igualmente no Seminário 8.

### ***A oposição***

Outra proposta desse dizer não todo é a desenvolvida pela mesma autora no artigo já mencionado, *O dizer sexuado ou a Outra realidade sexual*. Trata-se da oposição. O dizer da Não-toda passa pelas vias de um “isso não é” ou “isso não é tudo”: “É um não se reconhecer aí na via única, [...] que não se enuncia sempre” e que, às vezes, afirma-se “em silêncio [...] Mais do que uma negação é uma fórmula de exclusão [retranchement]”<sup>10</sup>. A autora esclarece que esse “não” nada tem a ver com o “não” da histeria, nem como o fora de discurso da psicose. É o “não” da heteridade mediadora, sempre vizinha e, algumas vezes, caseira, que habita as fantasias coletivas infestadas de fadas e feiticeiras. É a outridade resguardada, mas unida ao fálico e ao objeto, que Lacan designa com o termo *confim*.

Não nos esqueçamos de que o dizer é sempre dizer que não aos ditos, suspendendo o que o dito tem de verdadeiro, já que não importa o que há de verdadeiro, pois não pode dizer o verdadeiro do Real.

### ***O não discordancial***

A vacuidade do Outro dá um estilo particular à sua relação com o falo, sensível na enunciação dos sujeitos femininos. Lacan o ilustra com uma figura gramatical extraída de Damourette e Pichon<sup>11</sup>: é o chamado não discordancial, diferente do não forclusivo da negação em francês. Esse *não discordancial* pode ser utilizado em francês e em catalão. Um exemplo seria a frase: *Je crains qu'il ne vienne*. É preciso distingui-la de uma negação completa como: *Je crains qu'il ne vienne pas*. Em *Je crains qu'il ne vienne*, produz-se uma vacilação representada pelo não; não se sabe se o sujeito teme que ele não venha ou que venha, há uma ambiguidade.

G. Morel<sup>12</sup> baseou-se no modo como Lacan reutilizou o termo discordancial para falar da enunciação nos sujeitos femininos e de certa posição do sujeito que estaria em uma discordância permanente, assinalando no discurso do sujeito feminino o desdobramento do gozo. Lacan toma Marivaux como exemplo em distintas obras. Em *O Príncipe travestido*, encontra-se no discurso feminino este tipo de manifestação: *Je ne sais*, que é uma confissão apenas velada e que pode ser oposta ao *Je ne sais pas*, da recusa de saber histórico. A confissão velada tem relação com o meio dizer, com o não-todo. Em *O Príncipe travestido*, a heroína, Hortênsia, não está em uma posição histórica, é uma posição que se pode dizer feminina. Aceita o que lhe chega, não foge, aceita a *tiquê*. Há, entretanto, uma oscilação, uma parte de ausência que desliza no discurso, a qual se deve ao fato de que ela, estruturalmente, está dividida; ela não é de todo para ele e lhe diz, talvez sem sabê-lo: “eu não ousaria”, “eu não acordaria”, “eu não saberia”.

---

<sup>9</sup> Bloy, L. La mujer pobre. Alfama Ed.

<sup>10</sup> Soler, C. O dizer sexuado ou a Outra realidade sexual, op.cit., p. 109.

<sup>11</sup> Pichon, E.& Damourette, J. *Des mots à la pensée. Essai de grammaire de la langue française*. Ed. d'Artrey.

<sup>12</sup> Morel, G.: *Oedipe aujourd'hui*. Séminaire théorique. 1997

## ***A indeterminação***

No testemunho do passe de Camila Vidal, encontramos um sintoma que permite circunscrever algo do gozo feminino. Lemos:

“Desde sempre tive dificuldades para recordar os nomes próprios, não só das pessoas, mas também das ruas, dos locais, dos títulos de livros etc. Este sintoma me colocava (me coloca) em situações muito embaraçosas [...] dificultava muito minha vida no nível do cotidiano [...] O resultado de tudo isso era a sensação de não me inteirar de nada, de não poder concretizar, de estar sempre na corda bamba. Muito rapidamente renunciei a encontrar um sentido para estes “esquecimentos” massivos, pois o este sintoma descartava qualquer interpretação ao estilo do “Signorelli” freudiano, e então passei anos [...] atribuindo-os a esse “desejo desfalecente” que eu me designava. “É como não querer se submeter a algo do simbólico”, eu disse um dia à minha analista [...] em uma sessão depois de relatar um desagradável incidente com alguém próximo: “[...] com o fácil que é dizer que nos encontramos em tal cafeteria, de tal rua, no lugar destes grandes circunlóquios... que me permitem ficar na indeterminação, no desencontro. Isso da simplicidade é para os outros, eu estou em outra parte”. Este “permanecer na indeterminação”, por fora do gozo fálico, essa falta de limite que os nomes próprios circunscrevem, não deixa muito lugar para o “desejo decidido”, já que todo desejo forte e circunscrito é limitado, concreto”<sup>13</sup>.

## ***A devastação mãe-filha e a surmoitié<sup>14</sup>***

Algumas questões que quero trabalhar, tomando-as a partir de minha própria análise, são a devastação mãe-filha e a *surmoitié*, como manifestações dessa parte Outra e a maneira como se desarticularam em minha análise.

A devastação, tal como Lacan menciona nas conferências na Universidade de Yale, é uma relação devastadora entre mãe e filha que consiste em um estado de reproche e de desarmonia entre elas.

Não é uma estrutura generalizável a todas as relações de uma mãe com uma filha. Não é um elemento estrutural e, ao se tratar de uma manifestação do gozo Outro, é contingente. A devastação mãe-filha se manifesta em algumas mulheres que denotam dificuldade para assumir sua posição feminina, com incidências em seu corpo e em suas relações.

Colette Soler, em seu livro *O que Lacan dizia das mulheres*<sup>15</sup>, diz:

---

<sup>13</sup> Vidal C. Névoa. In: *Stylus*, Revista de Psicanálise. Rio de Janeiro n. 32. EPFCL-Brasil, junho 2016, pp. 15-16.

<sup>14</sup> Lafuente C. *La caída de la Surmoitié*. <http://www.epfcl-fpb.org/Documentos/2018/AE-CarmenLafuente-Segunda-presentación>

<sup>15</sup> Soler, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 186.

“Mais além dessa dimensão reivindicatória, não haverá nisso a solicitação de que a mãe revele o segredo supremo? Não apenas o do ágalma feminino, sempre fálico, mas o do gozo que ex-siste, mas que o Outro não conhece, e, pelo qual, portanto, consequentemente, a mulher apela para o *Outro*”.

Há exemplos na clínica de curas rigorosamente conduzidas nas quais a devastação faz sua entrada. Isso testemunha um real clínico, estrutural que é preciso tratar. No meu caso, em função de minha análise anterior, ficou um resto transferencial, superegóico que se manifestava como uma inibição para me apresentar ao passe, da qual eu fazia o Outro culpado. A devastação da relação mãe-filha aparecia neste sintoma, no fato de a filha atribuir sua falta ao outro materno, sintoma que algumas vezes se transferia à relação transferencial, que ganhava forma devastadora. Uma interpretação desfez essa queixa do sujeito: “isso é infantil”, disse a analista. Isso me permitiu entender que eu havia perpetuado essa demanda da menina à mãe, a qual responsabilizava por sua falta, e, assim, a esperança neurótica caiu.

### *A surmoitié*

Em *O aturdito*, Lacan nos fala da *surmoitié*, um neologismo híbrido entre *surmoi* [supereu] e *ma moitié* [minha metade], modo como se designa em francês a metade da laranja, a cara metade. Sobre ela nos diz que não se deixa superegoicizar tão facilmente como a consciência universal. Não é o supereu freudiano, ligado à proibição do gozo fálico, mas uma voz feminina que empuxa ao gozo.

É muito importante fazer presente a lógica do não-todo para as análises e para a conclusão da cura, pois é um meio para tratar o supereu que é do empuxo ao gozo.

No meu caso, essa dimensão da *surmoitié* foi tratada pela via do equívoco. Em minha análise, relatei que a morte de minha mãe e suas trágicas circunstâncias geraram em mim um atroz sentimento de culpa. Quando ela faleceu, eu estava esses dias na casa dos meus pais, mas queria ir dormir com meu ex-namorado, o que ela não aprovava. No dia de seu desaparecimento, antes de sair de casa, me disse de longe, através de uma persiana: “Carmen, arrume a cama” [*Carmen, haz la cama*]. Não a vi, não me viu, mas a ouvi.

A analista marcou o AS, que muito me surpreendeu, porque sempre havia relacionado o supereu ao meu pai. Minha mãe era adorada, idealizada, mas agora aparecia outra vertente da idealização, o supereu devorador.

Essa significação nova que aparece, o “ás”, a melhor, deixa uma abertura a outros sentidos possíveis e produz o surgimento de um significante novo, por fora da cadeia, um significante mestre, um significante de gozo.

Em relação à interpretação Haz/Ás, temos a dupla vertente das vias do dizer. O “haz” que é um chamado ao ter, claramente fálico, e o “ás” que se pode considerar como a transmissão de outra coisa, ser a melhor em relação ao feminino, mas que se articula à culpa e poderia ser enunciado assim: “Se eu gozo, ela morre”. Foi preciso desmontar essa figura do empuxo ao gozo do Haz/Ás para chegar ao não há Outro do Outro, à incompletude e à separação do mortífero.

Ao final da análise, já esgotada a via do sentido, esse “Ás” ficaria como letra, idêntica a si mesma, fora do sentido, litoral entre simbólico e real, ao qual põe um limite<sup>16</sup>. Marca a queda da *surmoitié* para o sujeito.

N Bousseyroux<sup>17</sup> assinala que Lacan declina as formas do dizer da *surmoitié* que são inconsistentes, indemonstráveis, indecíveis que refutam o Outro, ainda que também podem não barrar o Outro e completá-lo. A voz do supereu, seja que complete seja que refute o Outro, é sem consistência. Ainda mais quando se tem em consideração o dizer das mulheres, que seguem as vias lógicas do não-todo e se inscrevem em um mais além do Édipo e, por consequência, mais além do supereu freudiano.

### *É preciso dar-se conta*

O paradoxo do desdobramento feminino do gozo faz com que o mais visível, a relação com o falo, não seja o mais importante, nem o único. O rochedo da castração está cingido pela relação com esse gozo Outro que, não por ser menos visível deixa de ter seus efeitos. Não há de se buscar suas manifestações no inconsciente, e sim no dizer, em um gozo que infiltra a enunciação e que pode ter também efeitos na dimensão fálica, que é aquela que determina o sujeito.

O gozo Outro, suplementar ao fálico, não é uma loteria. É angustiante, não identifica, despersonaliza.

O analista não pode negar essa Outra realidade sexual que não se pode reprimir e que nem sempre encontra um apaziguamento pela via do amor, que sabemos ser difícil de encontrar e de conservar em nossa sociedade atual. É preciso dar-se conta desse real da posição feminina que, às vezes, se confunde com sintomas da histeria ou da psicose, dando-lhe uma falsa saída na cura.

O analista não deve retroceder frente a esse real irreduzível que se manifesta, talvez mais para a “não toda” do que para qualquer outro, muitas vezes com angústia e dor, mas que é preciso considerar e abordar para poder acompanhar um sujeito até o final.

Tradução: Maria Cláudia Formigoni

Revisão da tradução: Sandra Berta

---

<sup>16</sup> Agradeço essa contribuição a Trinidad Sánchez de Biedma.

<sup>17</sup> Bousseyroux, N. *Real de mujeres*. Pliegues de la Biblioteca. FFCL-España